

A REVOLUÇÃO CUBANA VISTA DE DENTRO E DE FORA

Fellipe Henrique Mota Silva¹

José Santana da Silva²

(¹Estudante (IC) e-mail: fellipemota31@hotmail.com)

(²Pesquisador (PQ) e-mail: santanajosilva@gmail.com)

Universidade Estadual de Goiás – Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas.
Av. Juscelino Kubitschek, 146 - Jundiá - Anápolis-GO. CEP 75.110-390. Fone: (62) 3328-1128
Universidade Estadual de Goiás – Campus Pirenópolis.
Av. Benjamin Constant, Quadra 58, Lote 2, Centro, Pirenópolis – GO
www.cepe.ueg.br

Resumo

O presente artigo é uma análise historiográfica dos textos de Paul Sweezy, Leo Huberman, Paul A. Baran e Ernesto Che Guevara contidos na coletânea *Reflexões sobre a revolução cubana*, publicada no Brasil em 1962. O trabalho se dá a partir da análise dos textos dos quatro autores. Embora seja comum identificar esses autores como marxistas, é mais apropriado caracterizar a sua orientação política e teórica como bolchevista ou leninista. Cabe ressaltar que Guevara só aderiu progressivamente ao leninismo a partir da sua participação na revolução cubana, assimilando com mais evidência uma orientação trotskista, já no início do novo regime implantado em Cuba. Sweezy, Huberman e Baran aderiram a uma perspectiva reformista (revisionista). A revolução na ilha de Cuba teve início com a insurreição de 26 de julho de 1953, tendo se transformado em guerrilha a partir do final de 1956 e chegando ao seu desfecho em 1º de janeiro de 1959. Os escritos aqui analisados foram produzidos imediatamente após a tomada do poder pelos guerrilheiros, sendo Che Guevara um dos seus principais líderes. Os demais autores não tiveram participação no movimento. Assim, é que se pode dizer que os textos dos três primeiros expressam uma visão a partir de fora, enquanto que os ensaios do último correspondem ao ponto de vista dos que fizeram a guerra revolucionária. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo investigar até que ponto o contexto e a condição dos autores em relação aos acontecimentos transparecem em suas obras.

Palavras-chave: Revolução cubana; historiografia; guerrilha.

Introdução

Esta produção compõe o projeto de pesquisa REVOLUÇÕES NA AMÉRICA LATINA: UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO, proposto e coordenado pelo professor José Santana da Silva. Trata-se de uma análise historiográfica dos textos de Paul Sweezy¹, Leo Huberman², Paul A. Baran³ e Ernesto Che Guevara⁴ contidos na

¹ Economista estadunidense, Sweezy visitou Cuba em 1960, juntamente com Huberman e Baran. Nasceu em Nova York, 10 de abril de 1910.

² Jornalista e escritor norte-americano. Em 1949, fundou e coeditou a revista Monthly Review com Paul Sweezy. Nasceu em Newark, 17 de outubro de 1903.

³ Economista e professor de economia na Universidade de Stanford desde 1949. Nasceu Mykolaiv, na Ucrânia, dominada pelo Império Russo, em 8 de dezembro de 1910.

⁴ Médico, político, jornalista e escritor argentino. Nasceu em Rosário em 14 de junho de 1928. Participou ativamente da guerrilha que conquistou o poder em Cuba em 1959, no Movimento Revolucionário 26 de Julho, ao lado de Fidel Castro e outros.

coletânea *Reflexões sobre a revolução cubana*, publicada no Brasil em 1962, pela editora Zahar e por Edições Populares em 1979.

A revolução na ilha de Cuba teve início com a insurreição de 26 de julho de 1953, tendo se transformado em guerrilha a partir do final de 1956 e chegando ao seu desfecho em 1º de janeiro de 1959, com o triunfo dos rebeldes sobre o regime ditatorial comandado por Fulgêncio Batista desde 1952. Os escritos aqui analisados foram produzidos imediatamente após a tomada do poder pelos guerrilheiros, sendo Che Guevara um dos seus principais líderes. Os demais autores não tiveram participação no movimento. Nesse sentido é que se pode dizer que os textos dos três primeiros expressam uma visão a partir de fora, enquanto que os ensaios do último correspondem ao ponto de vista dos que fizeram a guerrilha revolucionária.

Da mesma forma que está expresso no projeto ao qual é vinculado este trabalho, o termo historiografia é aqui empregado no sentido de “investigação e de escrita da história”, na acepção de Aróstegui (2006, p. 36). Epistemologicamente, a historiografia é expressão da consciência do historiador ou de quem a produz. Consciência essa determinada pelo seu ser social (MARX, 1986, p. 25), isto é, enquanto sujeito historicamente situado. Sinteticamente, esta é a perspectiva teórica que referencia a análise das obras aqui mencionadas.

O termo revolução é aqui tratado como “o conjunto de processos de mobilização, organização e luta do povo, em condições históricas concretas, contra o poder instituído, pela construção de um novo poder político que dirija as transformações radicais das estruturas dominantes na sociedade” (SADER, 1985, p. 5.). Tem-se esta concepção a partir da formulada por Marx que marca a revolução como fruto das contradições entre as forças produtivas materiais e as relações de produção quando “De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se em grilhões das mesmas” (MARX, 1986, p. 25). Nesse momento que se verifica a revolução. Para Marx, essa revolução acontece com a transformação de todo o fundamento econômico e assim a superestrutura.

Nesse sentido, tem-se a insurreição e a luta guerrilheira que levou os integrantes do Movimento 26 de Julho ao poder pode ser caracterizado como uma revolução, ainda que tenha levado a uma outra forma de capitalismo – o “capitalismo de estado”.

O presente trabalho consiste numa contribuição para a ampliação das discussões que envolvem o tema da revolução cubana e seu desenvolvimento

contribuirá para preencher a lacuna na historiografia que aborda os movimentos insurrecionais e revolucionários na América Latina no século 20.

Contexto da insurreição

A Revolução Cubana é apontada por diversos autores como continuidade das frustradas lutas por independência. Cuba foi a última colônia da América Latina a se livrar da dominação espanhola. Processo que levou trinta anos e viu duas guerras por independência. A primeira começa em 1868 e termina dez anos depois com a derrota dos setores mais radicais. A segunda guerra por independência teve seu início em 1895 e vai até 1898, ano em que as forças insurrecionais estavam praticamente alcançando a vitória. Contudo, a independência cubana foi frustrada pelos Estados Unidos, que intervieram na guerra e passaram a controlar a ilha após a separação da Espanha⁵.

Cuba independente segue no comando de uma série de governantes, incluindo o general Gerardo Machado, em 1925, que estabelece uma feroz ditadura. E seu sucessor Fulgêncio Batista, que ascende à presidência após uma onda de manifestações contra o governo anterior e pressão norte-americana, situação à qual a ditadura de Machado não resistiu. Fulgêncio Batista, que mantém estreitos laços com os Estados Unidos, é eleito presidente de Cuba em 1940. Mas a constituição o impediu de se reeleger. Em 1952 Batista toma o poder do país através de um golpe militar, apoiado pelos EUA, para impedir a vitória de partidos de esquerda na eleição que ocorreria naquele ano.

A figura de Fulgêncio Batista desperta a ira de grupos nacionalistas que não concordam com a ditadura imposta pelo autocrata e sua subserviência aos Estados Unidos. Contexto que destaca Raul e Fidel Castro que buscam organizar uma oposição política mais forte e tentam, por vias legais, destituir Fulgêncio Batista. O que não acontece.

Nesse sentido, frente à passividade da judicatura com relação ao golpe de Batista, os irmãos Castro começam a instituir uma oposição mais combativa. Organizam um ataque em 1953 ao principal quartel do exército cubano na região

⁵ Em 1901 é imposta a chamada “Emenda Platt” à Constituição nacional de Cuba, ratificando a tutela militar e econômica dos EUA sobre o país. Em 1903 o governo norte-americano instala uma base militar em Guantánamo, lá mantendo-se até hoje.

oriental da ilha, situado em Santiago de Cuba, com o objetivo de se apropriar das armas que seriam distribuídas ao povo. Também pretendiam ocupar pontos estratégicos visando a controlar a região oriental do país, iniciando assim uma ação para derrubada da ditadura de Fulgêncio Batista.

A operação fracassa, os irmãos Castro e seus companheiros são presos e, dois anos depois, são exilados no México. Em degredo, Fidel e Raul Castro conhecem Che Guevara. Se tornam muito amigos e juntos lideram a guerrilha a partir de 1956, que se tornou vitoriosa contra o regime ditatorial no réveillon de 1959, quando os guerrilheiros tomaram a capital. Fulgêncio e muitos integrantes de seu governo fugiram da ilha. E nesse momento se instala em cuba o governo dos revolucionários, chefiado por Fidel Castro.

Material e Métodos

O presente trabalho tem seu desenvolvimento com base no materialismo dialético, conforme formulado por Marx. Um dos fundamentos dessa concepção metodológica se encontra no pressuposto de que a consciência ou as representações da realidade formuladas ou reproduzidas pelos indivíduos, no caso, os autores dos textos analisados, é condicionada pelo seu ser social, mais amplamente, pelo contexto em que estão inseridos, levando-os a expressar interesses e valores com os quais se identificam. Nesse sentido, as obras em questão foram analisadas situadas no contexto em que foram produzidas.

Por se tratar de uma análise da produção historiográfica, este trabalho tem como objeto e fontes principais os próprios textos analisados. Além disso, outras obras que abordam o tema foram levadas em conta, tendo em vista a explicitação coerente dos aspectos abordados.

Resultados e Discussão

Após uma análise dos textos propostos, levando em conta o meio social dos autores, bem como sua formação intelectual e suas concepções políticas, foram considerados na análise os seguintes pontos: as representações elaboradas pelos autores sobre a importância de Fidel Castro na guerrilha revolucionária, a relação da

burguesia cubana com o movimento guerrilheiro vitorioso e o enfoque dado por cada autor, que expressa, principalmente, a influência de sua área de formação e interesse.

No que concerne ao primeiro, Ernesto Che Guevara, amigo íntimo do principal líder da insurreição, o qualifica em seu texto como “essa força física que se chama Fidel” (GUEVARA, 1979, p. 22). Guevara se reduz à personalidade de Fidel e o tem como líder nato, o qual “seria chefe de qualquer movimento que participasse” (*ibidem*). Guevara argumenta que “Fidel Castro fez mais do que ninguém em Cuba para construir a partir do nada o formidável aparelho atual da revolução Cubana” (*ibidem*).

Guevara escreve em 1960, ou seja, um ano após o triunfo da revolução. Período em que os planos reformistas de Fidel começam a indignar os EUA, que investiram pesado em empresas que, a partir de então, passaram a ser nacionalizadas. Nesse sentido, levando em consideração o nítido sentimento antiianque presente na escrita de Guevara, é perceptível onde o argentino se apoia ao apresentar o sistema revolucionário cubano.

Ainda em se tratando de Fidel Castro, Paul A. Baran afirma a liderança do cubano como um dos fatores determinantes para o êxito da revolução. Nesse aspecto, os textos de Guevara e Baran convergem bastante. Ambos firmam o líder com a capacidade de visualizar, interpretar as perturbações políticas e esclarecê-las às massas cubanas, integrando, assim, um maior contingente ao movimento e preparando o mesmo para a revolução.

Paul Sweezy e Leo Huberman, no texto que escrevem juntos, baseados no que viram e ouviram durante o período que passaram com Fidel Castro, em uma visita de três semanas a Cuba, descrevem-no como um “humanitarista apaixonado”, dotado de compaixão profunda pelo sofrimento humano, que odeia injustiça e se preocupa em extinguir a fome e desigualdade de Cuba (SWEETZY; HUBERMAN, 1962). Os autores ainda afirmam que é um “político consumado, com o dom de inspirar ao povo um misto de amor apaixonado e fé cega” (SWEETZY; HUBERMAN, 1962, p. 53). Além disso, Sweezy e Huberman atribuem a Fidel a característica de “político notável”, não somente por conta de seu carisma. Conferem a ele – como igualmente fazem os outros autores aqui citados – a característica do diálogo com as massas. Para os autores, o cubano entende a importância e força revolucionária do povo trabalhador. Nesse sentido, procura ao máximo integrá-los ao movimento.

Guevara trabalha a ideia de uma unidade dialética entre Fidel e o povo cubano. Segundo ele, “O que é difícil de compreender para quem não vive a

experiência da revolução, é essa estreita dialética que existe entre cada indivíduo e a massa, a interação que há entre a massa e os seus dirigentes” (GUEVARA, 1979, p. 36). Ele compara à sociedade capitalista e analisa que, nesta pode-se ver alguns fenômenos de mobilização popular, onde um líder estaria frente ao movimento. Acredita que, se não tratar de um autêntico movimento social, no qual a consciência popular está direcionada à revolução e não somente alienada a interesses de um indivíduo, esta não durará mais que o tempo de vida de seu líder.

Sweezy e Huberman afirmam que Fidel desafia os EUA porque compreende o imperialismo norte-americano. Afirmam ainda que o líder entende o jogo político e por isso se desvia do estadismo latino-americano. Essas condutas de Fidel os autores atribuem ao marxismo. Alegam que ele não se intitula marxista e tampouco lhe interessa se aprofundar na obra de Marx e seus seguidores. Entretanto, por conta de toda sua experiência, Fidel dispõe de uma interpretação de mundo que é, para os autores, indubitavelmente “marxista”.

O segundo item a ser ressaltado nos textos aqui analisados é o papel e a relevância da burguesia para o movimento. Esse ponto remonta à situação essencialmente colonial de Cuba, que, mesmo após décadas de independência política formal, ainda dependia dos Estados Unidos.

Baran chama a atenção para a dominação norte-americana sobre Cuba. Dominação que é ilustrada com a base naval norte-americana instalada em território cubano na Baía de Guantánamo. Dominação refletida no controle estadunidense sobre boa parte da principal produção agrícola do país: o açúcar. Dominação que se faz evidente quando os EUA transformaram Cuba em um antro de atividades que em solo norte-americano eram proibidas: jogatinas, drogas, prostituição, violência.

Nesse sentido, o autor defende que é previsível que nessas circunstâncias fosse agudo no povo cubano um sentimento antiianque. E ressalta ainda que era inevitável que esse ódio ao domínio norte-americano não se limitasse às classes inferiores. Para ele, esse sentimento se afirma também nas fileiras da burguesia média e superior por conta da concorrência econômica estabelecida pelos Estados Unidos e por se sentirem cidadãos de segunda classe em seu próprio país. No que diz respeito à participação burguesa na revolução cubana, para Baran, aparece da seguinte maneira: frente às circunstâncias em que essa classe estava condicionada graças ao imperialismo ianque, a burguesia se via dividida. De um lado, predominava o receio de ser dominada e inferior em seu próprio país. De outro, acentuava a

apreensão de que as massas, uma vez levantadas contra o imperialismo, fossem longe demais, prejudicando os interesses burgueses (BARAN, 1962).

Segundo Baran, essa ambivalência da burguesia cubana cai por terra nos últimos anos da ditadura de Batista, graças à crueldade, tirania e corrupção do regime. E dá lugar a um consenso da urgência de uma reforma política. Agora, tem-se uma neutralidade pragmática por parte da burguesia, ou seja, menos uma oposição à revolução. Aspecto muito importante para o triunfo da insurreição. No que se refere a essa burguesia, Guevara considera – igualmente a Baran – ajuda “não-revolucionária” dessa classe que se manteve neutra ou ao menos não-beligerante.

Baran traz ainda outra questão em seu texto. Segundo ele, o cenário mundial em que a revolução cubana aconteceu facilitou seu percurso. No sentido de que a polarização global nesse período fez com que, uma vez desmerecida pelo bloco capitalista (EUA), o governo pós-insurreição consegue amparo político-econômico no império soviético. E é graças a esse amparo que Cuba consegue, não só se manter, como desenvolver sua economia, erradicar a fome e o analfabetismo. Isso até a queda da URSS, quando a economia cubana quase entrou em colapso. Baran afirma que na ausência de um poderoso bloco de países “socialistas”, a Revolução Cubana já teria sido, há muito, esmagada pelas forças imperialistas norte-americanas.

Seguindo este mesmo ponto, quanto às relações EUA-CUBA, temos Huberman. O autor aponta como a mídia norte-americana manipula as informações sobre a ilha e constrói uma imagem distorcida de Cuba. Ele apresenta notas de periódicos que manobram os dados para sustentar sua afirmação. E os confronta com um exame detalhado do quadro traçado pelo veículo midiático e mostra como acontece a manipulação.

Outro ponto chama a atenção ao analisar os textos. É a notável predominância de determinadas abordagens nos textos de cada autor que transparece a influência da sua formação, da área de atuação e das suas perspectivas políticas. Por mais que todos os autores analisados discorram sobre o mesmo acontecimento histórico e, inclusive, se assemelhem quando discutem determinados assuntos, é perceptível que – ainda que seguindo a mesma concepção teórico-política – acentuam-se traços distintos nos textos. Enquanto na escrita de Sweezy encontra-se muito mais sobre a economia no contexto da revolução do que no de qualquer outro autor, o texto de Huberman se dedica, primeiro, a apresentar e analisar o discurso da imprensa norte-americana. E como este é manipulado pelo governo.

Baran é o autor que, entre os aqui analisados, mais trabalha a revolução na ilha de Cuba. Baran se preocupa em explorar a revolução cubana como um fato político junto a seus precedentes e consequências. É o autor que mais explora a questão da revolução social e das relações entre Cuba e União Soviética. Isso se deve, provavelmente, à sua origem ucraniana. Já no texto de Guevara nota-se, não a influência de sua formação em medicina, mas o fato de ter participado ativamente da revolução. Mais do que explicar a revolução, o autor procura justificar a necessidade desta dentro das condições sociais, políticas, econômicas e culturais em que Cuba estava imersa naquele contexto.

Considerações Finais

Após a análise dos textos propostos percebe-se que mesmo ao escreverem sobre um mesmo acontecimento e sendo todos do mesmo período. Ainda que apresentem características e interpretações que convergem e/ou divergem, nota-se que tanto a perspectiva política quanto a formação intelectual dos autores interferem, em parte de maneira evidente, na sua escrita e como esses retratam o mesmo fato histórico.

É nítido que as abordagens seguem na direção em que apontam a consciência do autor, a qual é construída a partir do meio social/ideológico/político no qual está inserido. Nesse sentido, firma-se cada um: Baran e Sweezy enquanto economistas, Huberman jornalista e Guevara enquanto participante ativo da guerrilha insurrecional.

Existe ainda a necessidade de um estudo mais aprofundado, mas, ainda assim, esse trabalho serve de ampliação significativa das discussões que permeiam o tema.

Agradecimentos

A todos os envolvidos pela atenção e ajuda dispensadas. Em especial ao meu orientador José Santana da Silva que tanto se dedicou para que este como tantos outros trabalhos que compunham seu projeto acontecessem. Agradeço pelas leituras

indicadas que não só auxiliaram no desenvolvimento deste trabalho como ainda no meu desenvolvimento enquanto intelectual.

Referências

ARÓSTEGUI, Julio. A pesquisa histórica: teoria e método. Tradução de Andréa Dore. Bauru, SP: Edusc, 2006.

BOSQUE, Juan Almeida. *Sierra Maestra*: a história da Revolução Cubana. Hucitec, 2015.

CHE GUEVARA, Ernesto. *Revolução Cubana*. 3ª ed. – São Paulo: Edições Populares, 1979.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*; salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes: a economia vulgar. Traduções de Edgard Malagodi et al. 2ª ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1986. (Os economistas)

SADER, Emir. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Moderna, 1985.

SWEEZY, Paul; HUBERMAN, Leo; BARAN, Paul; GUEVARA, Ernesto Che. *Reflexões sobre a revolução cubana*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1962.

VIANA, Nildo. *A consciência da história*: ensaios sobre o materialismo-histórico dialético. 'Para uma teoria das formas de regularização das relações sociais'. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Achiamé, 2015.